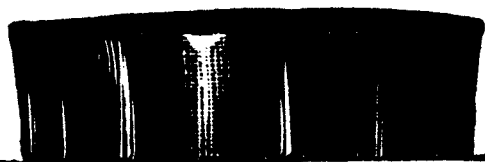


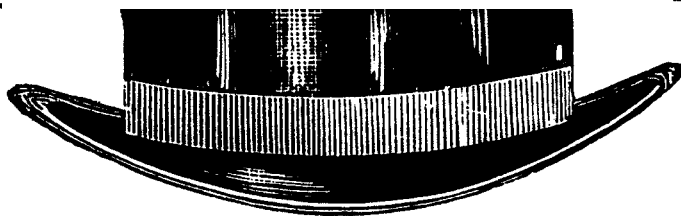


**Atenção: contém
palavras feias como,
por exemplo, *político*
ou outras acabadas
em *alho***



Sr. Bentley

0 Enraba-Passarinhos



Ágata Ramos Simões



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
CHELAS • BURACA • CASAL VENTOSO • GALINHEIRAS

O Sr. Bentley

Senhor Bentley, o Passarinheiro, o Passarão, o Enraba-Passarinhos. O Lambe-Lambe, o paneleiro corno-de-merda, peneirento, o caga-lume, o apaga-lume, o arrebita-a-nabiça, ai arrebita-arrebita!; senhor Bentley, o Visitador de Cemitérios. Ó.

Não raramente o senhor Bentley veste-se à René Magritte e finge-se belga. De chapéu de coco na tola e chapéu-de-chuva dependurado no braço direito (evita que desate em saudações nazistas cada vez que passa por ciganos, pretos, maricas, polícias-sinaleiros e cãesinhos de três patas) passeia na rua com metade de um coco preso à face com um elástico, a gritar: Não tenho cara! Não tenho cara! Ó! A minha cara! Onde está a minha cara?! EU QUERO A MINHA CARA DE VOLTA! SEUS CARALHOS DE MERDA ABAUNILHADA, DEVOLVAM-ME A CARA!

Depois encolhe os ombros, resignado, e dirige-se calmamente para o banco de jardim, senta-se, retira a casca de coco do rosto, deposita-a aos pés, abre a gabardina, de-

compõe o vestuário, amachuca-o, distorce as linhas plácidas do rosto, dá às mãos um ar sinistro e deformado e cacareja timidamente:

— Uma moedinha (cof) pó ceguinho (cof-cof).

Passando mulheres, de qualquer idade ou raça, invariavelmente escolhe a mais decrepita, a mais acabada, a mais enrugada e, lascivo, diz-lhe:

— És mesmo boa. Fodia-te toda. És mesmo boa. Fodia-te toda. A moedinha (cof) pó ceguinho (cof-cof). Boa. Fodia-te. Moedinha. Cof.

De vez em quando dá vigoroso salto no banco de jardim, espeta uma estalada na testa e exclama:

— É segunda-feira!

E lá vai ele a correr como uma florzinha, liriozinho do campo, ecoando na rua em lampejos exclamativos absurdos o dito:

— É segunda-feira! É segunda-feira!

O senhor Bentley é homem de hábitos. Necessita de hábitos para contrabalançar, dar equilíbrio ao seu carácter impulsivo, feito de actos momentâneos e explosivos. O próprio senhor Bentley não sabe do que é capaz, o que aprontará no minuto seguinte. Os hábitos dão-lhe base segura, são o eixo da sua vida. Às segundas, quartas e sextas visita cemitérios.

Senhor Bentley (o paspalho, paspalhão, dez reis de mel coado, o-anda-por-aí-aos-tombos, o forreta, somítico, judeu, o nababo das rolhas) mal entra no cemitério (escolhido ao calhas, os dias da visita jamais se alteram, contudo o cemitério a visitar é ditado pela sorte) faz razia às campas: rouba todas as flores que consegue carregar. Põe grinaldas à volta do chapéu de coco, empilha-as pescoço abaixo, coloca colares de flores à volta dos braços como se fosse acrobata circense, usa o chapéu-de-chuva para levar outros tantos. Lá

vai ele, o senhor Bentley engrinaldado, a deambular cemitério afora — aproveita e treina o choro, altera a configuração do rosto, as linhas cavam fundo na pele. Aí está o senhor Bentley, perfeita fotocópia do perfeito sentimento de luto.

— Estou em período de nojo...! — choraminga para os mortos ao redor porque os vivos vivem muito lá por fora, nos trabalhos lá por fora, com a puta da família, das crianças e dos patrões. Ao menos o cabrão do senhor Bentley não se sujeita a chefes de um corno porque é dono de casas arrendadas.

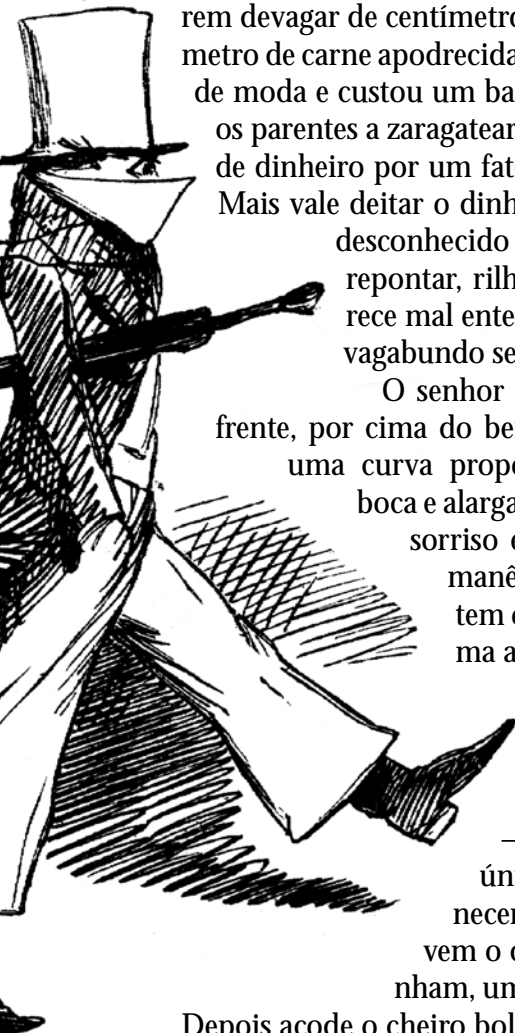
O olhito meio-fechado, meio-aberto, intercepta ao fundo o canto de campa miserável em abandono evidente há décadas. O senhor Bentley dá um salto (a imitar o lírio do campo, faz de conta estar no ballet), emite um gritinho panasca e, semeando pétalas e néctar podre no chão, corre aos saltinhos até ao alvo.

— Ah! Branca e pura não! Suja, encardida, abandonada como me apraz!

De súbito perfila o corpo em pose militar e cumpre o ritual. O senhor Bentley precisa de rituais e hábitos senão o seu centro desmorona-se.

Cuidadoso retira de si cada grinalda e colar de flores, depositando-os leve e lentamente no chão, sem que nenhum toque na pedra tumular.

Compenetra-se da santidade do solo sagrado e dedica-se nos momentos iniciais a um exercício budista: varre com os olhos o espaço do cemitério, fixa-os, plano a plano, na terra que suporta as centenas de campas e imagina milhares de corpos, debaixo do chão, a apodrecer, a apodrecer, a apodrecer... vê os ossos movimentados centímetro a centímetro pelos vermes cuja sagrada e interminável tarefa é a de digerir toda a carne humana morta. Cerra os olhos e vê os bichinhos a nutrirem-se, plácidos. Impunes. Impávidos.



Ouve-os a mastigar sem dentes: morf-morf-morf. Distingue os sucos dos corpos, enxerga os amorosos bichinhos surfarem devagar de centímetro de carne apodrecida para centímetro de carne apodrecida, embrulhada em roupa que já foi de moda e custou um balúrdio, os olhos da cara. Imagina os parentes a zaragatearem: 'tás parvo?! Dar essa porrada de dinheiro por um fato que vai ser comida pela terra?! Mais vale deitar o dinheiro ao lixo! Imagina o invisível, desconhecido primo/tio/ o raio que o parta, a repontar, rilhando os dentes: parece mal! Parece mal enterrá-lo como um maltrapilho, um vagabundo sem eira nem beira! Parece mal!

O senhor Bentley tem as mãos cruzadas à frente, por cima do bem-bom. Inclina-se para trás, faz uma curva propositadamente acentuada, abre a boca e alarga os lábios num sorriso cínico: um sorriso entendido. Ele entende a impermanência da vida e da morte. Tal como tem o entendimento do mundo. Retoma a verticalidade do esqueleto, fecha os olhos e enche os pulmões de ar. Sente os mínimos odores do sepulcrário, começando no cheiro da morte e decomposição — o cheiro mais doce para ele, o único que lhe dá vontade de permanecer e divertir-se no mundo. A seguir vem o cheiro agridoce dos vermezinhas, nham, um guisado de vermes calhava bem.

Depois acode o cheiro bolorento dos caixões a desfazerem-se em pó; o aroma marmóreo das campas; a essência húmida da terra e do húmus; o perfume das árvores e das flores e das plantinhas. O cheiro dos ratos. Das baratas. Dos gatos.

E dos homens. Vivos. Na pele dos caveiros a síntese aromática realizava-se. (Ai que vontade de os espremer, espremer, como roupa molhada.)

Tinha de fazê-lo para bem da sua estrutura mental, às segundas, quartas e sextas: contemplar a impermanência visitando necrópoles ao acaso.

O momento sagrado eclipsou-se e ele pôs mãos à obra! Ah sim, now comes the fun part!, diz-se em francês, alemão e inglês. (Cabrão: só porque sabe bem que eu não me entendo com nenhum dos idiomas.)

O senhor Bentley pega nas grinaldas uma a uma e enquanto chora baba e ranho deposita-as no túmulo, velando o morto tal como vira ciganos a fazer.

— Ai tão bom que ele era! — grita. — Tão bom homem!

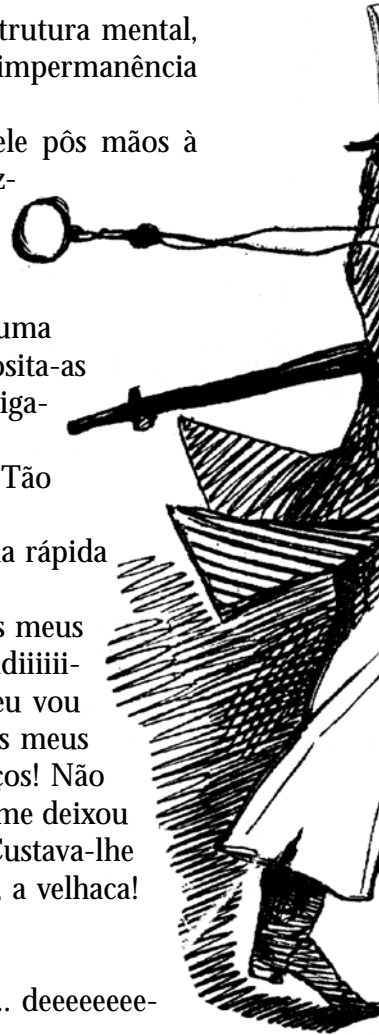
(Pára por instantes e dá uma olhadela rápida aos dizeres baços na pedra.)

— Ai tão boa que ela era! A mãe dos meus filhos! Finouuuuuu-se! Morreu! Ai coitadiiiiiinha! Ai, a puta morreu-me! Como é que eu vou ganhar a vida agora! A puta da mulher dos meus cinco filhos bastardos morreu-me nos braços! Não pude acabar de fazer o sexto! Nem o sexto me deixou acabar de fazer, a desgraçada da mulher! Custava-lhe muito, merda?! Custava?! Fez de propósito, a velhaca! De propósito!

(Calou-se e respirou.)

— Ai ‘tadiiiiiinha deeeela! ‘TADINHA... deeeeeee-la...!

Arrancou rosas amarelas, gladiolos e gerberas às macheias, lançou-os sem respeito nenhum para a enegrecida



campa, impeliu-se para cima da pedra tumular e desatou aos saltos enraivecidos, os pés esmagando as flores a cada impacto, trucidando-as nas solas dos sapatos. Um homem, do outro lado do cemitério, aproximou-se do espectáculo de queixo caído e ar estupefacto. Tinha entradas no crânio e o cabelo era todo negro. Usava óculos de vidro fino e aros de metal. Vestia fato escuro e devia ter quarenta anos. Aproximou-se a princípio a passo vigoroso, mas diminuiu a velocidade à medida que alcançava o senhor Bentley, homem demente. É preciso ter cuidado com estes doidos à solta por aí... O senhor Bentley bem o via. Saltava cada vez mais alto, as costas curvadas com o exercício, no rosto um esgar de dar medo. Todavia o chapéu de coco permanecia firme na cabeça e só o chapéu-de-chuva balançava no seu braço direito.

— Eh... psst... eh... eh lá...?

Atreveu-se o espectador.

O senhor Bentley deteve-se num ápice. Retesou o corpo, aplainou as rugas da face e observou o infinito. De seguida desceu da campaa, deu dois passos e rojou-se até ao homem atónito.

— Ai a minha vida! — gritou em desespero, a agarrar-lhe os fundilhos do casaco escuro e a babá-lo de ranho e choro. — A minha querida mulher! Perdi-a! Perdi-a!

Parecia sincero. O homem teve um instante de dúvida. Senhor Bentley atracara-se a ele. O homem conseguiu desprender-lhe as garras da roupa e acercou-se da campaa. Leu: Elvira Guimarães, filha adorada, 1890-1896.

— Mulher?! É uma criança que morreu aos seis anos no século XIX! — vociferou e dirigiu o olhar enojado primeiro para ele e depois para os estragos no fato.

— Você é doido! Doido! — disse ao afastar-se e a limpar o ranho e a baba com o lencinho de bolso.

O senhor Bentley encolheu os ombros e teve um sor-

riso satisfeito. Arranjou-se: desvincou a gabardina cinzenta, abotoada de cima abaixo, confirmou a firmeza do chapéu de coco e abriu o guarda-chuva. O dia apresentava-se sem nuvens e não chovia há semanas, porém o senhor Bentley nunca saía de casa sem ele. Começou a correr pelo cemitério em direcção à saída, derrubando vasos, velas, flores, retratos, o que for que estivesse na passagem, dando impulso ao chapéu aberto, para cima e para baixo, para cima e para baixo, allez-hop!, até atingir o portão gradeado e levantar voo.

O senhor Bentley é do mais ordinário que há. A voar pela cidade, força o ranho para a entrada da garganta, mesmo ali a tocar no sininho, faz pontaria a algum incauto transeunte e escarra certamente no alvo escolhido.

— Três quatro cinco! Três, quatro, cinco! Semana proveitosa! Olha ali... um menino de bibe! Cinco anos, na certa! Ó! É o trezentos e quarenta e seis! — imita a voz de sorteio da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa — três, quatro, seis. Trezentos e quareeeeeentaeseeeeeeeeis!

Acerta bem no nariz do fedelho.

— Semana proveitosa! Trezentos e quarenta e seis! Contactarei o Guinness.

Senhor Bentley, mais comumente conhecido por “Enraba-Passarinhos”, ganhou a alcunha aos quatro anos. Possuía na época uma pilinha muito pequenininha. Tão pequenininha que um tio maldoso lhe dizia: isso nunca mais cresce. Só vai servir para enrabar passarinhos! A família escarneceu semanas a fio, meses inteiros, anos seguidos. Mesmo depois da tragédia, a alcunha continuava a produzir idênticas gargalhadas. Bentley, petiz de quatro anos, na noite da pública humilhação, esperou que a família adormecesse e saiu do quarto. Foi buscar a garrafa de álcool à casa-

de-banho e serviu-se do isqueiro do tio quando penetrou no quarto. Mesmo em pequenininho, o Enraba-Passarinhos via tão bem no escuro como os gatos e as corujas. Regou o bigode e o cabelo ao tio e alumiou-os com o isqueiro que repousava na mesinha de cabeceira ao lado dos cigarros e da dentadura. Foi uma festa!, recorda amiúde o senhor Bentley. Primeiro a cara dele alumiou-se e a chama movia-se erraticamente de um lado ao outro do quarto. O miúdo desviava-se. Depois a chama plantou chamazinhas no quarto e saiu para a sala. O miúdo foi atrás. A bola de lume ponteava o topo do corpo do tio parecendo ao Enraba-Passarinhos uma bola de futebol, um sol minúsculo descido dos céus à terra, filho bastardo do sol lá de cima. Foi a primeira vez que visitou um cemitério. Aí, aos quatro anos de idade, contemplou pela primeira vez a impermanência da vida e da morte.

Com o tempo veio a gostar da alcunha que o falecido tio lhe pusera.

(Não raramente o senhor Bentley veste-se como René Magritte e finge-se belga.)

O senhor Bentley voa com o guarda-chuva e do céu grita, sem respeito nenhum:

— Olha uma preta! Uma preeeta! É uma preeeeeeeeta!

Racista do cabrão.

O senhor Bentley uma vez seduziu um cavalo (pocotó-pocotó). Enrabou-o pelo nariz, recorda lacrimoso. O cavalo pensou tratar-se de um mosquito a entrar-lhe nari-na adentro. Seduziu-o em seguida, após a cópula, com uma cenoura. (Pocotó-pocotó.) O Anglo-Árabe afastou-se, lânguido e mais à frente baixou a cabeça para a erva verde. O senhor Bentley apanhou um desgosto, nem o primeiro nem



o último, mas não deixava de ser um desgosto.

O senhor Bentley tem nome de carro dispendioso, porém é personagem do mais ordinário que há. Animal, besta de primeira. Usa sempre chapéu-de-chuva, fato cinzento completo, colete, chapéu de coco e gabardina abotoada até ao último botão. Assemelha-se a cavalheiro inglês. A idade é indeterminada, mas é velho. Enraba o gato quando o apanha a dormir (purr-purr). O senhor Bentley é bom porque não bate às criancinhas em público. Ao ver a puta de uma criancinha adopta a figura de lírio do campo e dirige-se à criatura produzindo minúsculos saltos e risos de cigarra, os bracinhos adejando como asas de pássaros.

— Que querido! Tome um docinho — diz à minguada criatura babante. — E um conselho gratuito: às velhas que te babam e beijam, morde-as no pescoço! Remédio santo.

Afasta-se a imitar um avião — vrum-vrum -, voltando e bem no fim da rua consegue gritar ainda:

— No pescoço, é no pescoço, criatura!

O senhor Bentley arranca o rabo a lagartixas para oferecer a passarinhos como dote.

É um santo homem, suspiram as beatas quando o descobrem de flores na mão (roubadas no cemitério, de campa recente porque são novas e frescas e cheiram bem, o doce aroma esconde a futura corrupção a existir nelas em semente) para oferecer às namoradas dos outros: meninas de firmes carnes, firmes mamas, firmes nalgas, firme tudo, menos os escrúpulos ou convicções porque não estamos em tempo de tê-los.

O senhor Bentley gosta de coleccionar chapadões de gajas boas. Tem lá aquela mania, o que é que se há-de fazer.

Não grama lésbicas (fufas do caralho! Fufas! A raça humana caminha para a extinção por causa das fufas!), mas punheta-se no delírio de as imaginar esfregando-se, sininho

rente a sininho, tlintlim, ai se eu fosse gaja! Ai se eu...! Le bordel!, diz-se em francês. (Por vezes sente ânsias de possuir bigode só para ter o prazer de o enrolar.) Era uma galdéria, putéfia! Dava-me ao primeiro que aparecesse e lançasse modesto piropo, declara, exsudando luxúria.

É muito mau para os vagabundos.

Destrata-os de todas as maneiras em que consiga pensar. Finge-se compadecido, passa a mão esquerda pela cara e depois desabotoa, cerimonial, dois botões da gabardina, insere a mão e ressurgue com a carteira. Compõe largos, teatrais gestos a abri-la e retira uma nota de cinquenta euros ou, em ocasiões raras, cem euros. A nota brilha. Vem sem vínculos nem rasgões. O senhor Bentley mira-a, o rosto de súbito limpo, e torna a metê-la na carteira e a guardá-la no bolso do colete, seguindo em frente, sem olhar para o desalojado. Este atribuiu-lhe epítetos cuspidos entredentes: caaa-brão. Saaaaa-cana. Sefossesmaséaconadatuamãe.

Ao chegar à porta de casa descai as costas, usa o chapéu como bengala, convence o lábio inferior a pender e o rosto a cavar profundas linhas na pele. Babando, na aparência um idoso de oitenta anos, recolhe-se ao lar onde a mulher decrépita e paciente o espera com o lanche.



— É muito bom ser bonzinho — diz-se o senhor Bentley caminhando pela rua da cidade. — É bom ser santo em vida, ajudar os pobrezinhos, praticar a caridadezinha porque assim morre-se e vai-se para o céu conversar com os anjinhos, ter diálogos iluminados com Deus, jogar gamão e

strip-poker com os Santos e os Apóstolos, mandar caroços de pêssego à tola dos pecadores que malharam com os cornos no inferno.

Suspira, enche os pulmões de oxigénio e finaliza:
— É bom ser bonzinho.